

A ARTE MUSICAL

REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE

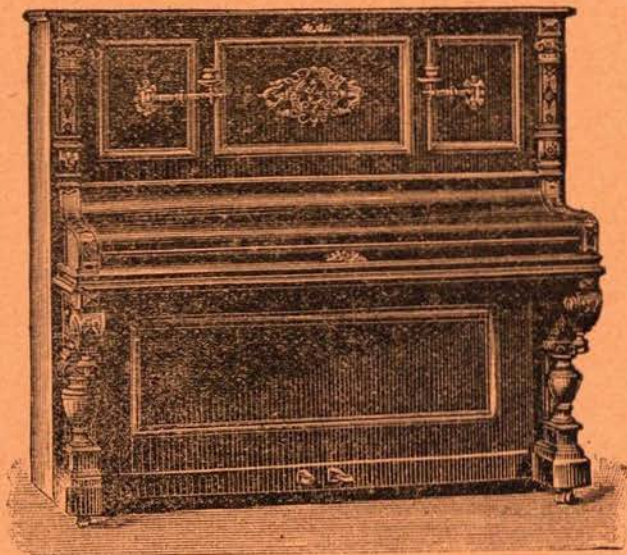
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO—Praça dos Restauradores, 43 a 49
LISBOA

Casa Lambertini

PIANOS DOS MELHORES AUCTORES

Unico deposito dos celebres pianos de Bechstein
E OUTROS

VENDas A
PRESTAÇÕES
MENSaes



ALUGUEL
REPARAÇÕES
TROCAS

GRANDE SORTIMENTO DE MUSICA

Aluguel de musica por assignatura a 500 réis mensaes

43 — P. DOS RESTAURADORES — 49
LISBOA

PREÇOS DA ASSIGNATURA SEMESTRAL

(PAGAMENTO ADIANTADO)

Em Portugal e colonias, 12 numeros do Jornal e 12 fasciculos do Diccionario, tendo 16 paginas cada fasciculo.....	1\$200
No Brazil (moeda forte).....	1\$800

Pode assignar-se em qualquer época

PREÇO AVULSO 100 RÉIS

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administração

Praça dos Restauradores, 43 a 49 — Lisboa

A ARTE MUSICAL

REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — Praça dos Restauradores, 43 a 49
LISBOA

DIRECTOR

Michel'angelo Lambertini

Instituto, R. Jardim Regedor, 13 e 15

EDITOR

Ernesto Vieira

SUMMARIO — Francis Planté — Musica Religiosa — D. Sarah M. V. Marques — S. Carlos e a musica — Concertos — C. dos Recreios — Noticiario — Necrologia.

Francis Planté

ENTRE a pleiade de excellentes pianistas que a escola de Marmontel produziu, Francis Planté occupa um dos primeiros logares, sendo elle e Diémer os dois mais notaveis que ainda existem. Nasceu em Orthez, pequena cidade dos Baixos Pyreneus, em 2 de março de 1839. Revelando desde a primeira infancia uma precoce inclinação para a musica, seus paes levaram-n'o a Paris. e entrando para o Conservatorio foi recebido na classe de Marmontel em dezembro de 1849. Apenas sete mezes depois, quando mal tinha completado onze annos, apresentou-se nos concursos e obteve triumphantemente o primeiro premio, despertando por essa occasião grande enthusiasmo e admiração pela sua extraordinaria precocidade. Francis Planté executou, em competencía com Jules Cohen, tambem discipulo de Marmontel e que igualmente obteve o primeiro premio, a difficil sonata de Thalberg, e foi a proposito d'esta execução que Berlioz inventou a engraçada e conhecida anecdotica «O piano enfeitado».

Estudou tambem harmonia e acompanhamento, obtendo um segundo premio em 1855.

Continuando a trabalhar o piano debaixo da direcção de Marmontel, entrou para a sociedade de musica de camara fundada por Alard e Francomme, onde adquiriu reputação de pianista delicado e consciencioso.

Durante dez annos esteve associado com Alard, até que lhe succedeu Diémer. Extenuado por excessivo trabalho e pela vida febril de Paris, encontrando-se com a saude ameaçada de completa ruina, buscou a solidão do campo, onde sua mãe possuía uma pequena propriedade e onde passou alguns annos estudando tranquillamente e aperfeiçoando-se na arte que era seu enlevo.

Quando reapareceu causou enorme enthusiasmo. Viajou pela Europa, menos para se fazer ouvir do que para estudar e observar, adquirindo

por este modo uma illustração das mais completas que possuem musicos francezes, nos quaes a educação intellectual tem geralmente uma parte tão importante como a educação technica.

Planté raramente apparece em publico, mas quando se annuncia a sua appareição, é enorme o interesse que desperta.



Reprodução de um retrato de Francis Planté.

Mas dotado de um grande sentimento de dignidade, não procura tirar proveito material d'esse interesse, e a maior parte dos concertos que realisa são festas de beneficência ou solemnidades nacionaes.

Marmontel synthetisou assim as qualidades d'este seu discipulo: «Francis Planté atingiu, ao que nos parece, o ideal da perfeição na maneira de interpretar.

A sua execução é a tal ponto irreprehen-sível, o virtuoso possui uma tal destreza e segurança, que ao ouvil-o nunca se sente a inquietação da difficuldade vencida.

A expressão mais terna é sempre contida nos limites do gosto mais puro; a exquisita sensibilidade do executante commove mas não enerva. No que porém Planté mais sobresahe e se revela modelo incomparavel, é na conducta do som, na arte de modular, de colorir até ao infinito. O emprego alternativo ou simultaneo dos pedaes é posto em acção com grande habilidade; o tacto maravilhoso, a preciosa finura nas gradações de sonoridade quando produz passagens rapidas, excedem todo o elogio. Não se ouve o menor martellamento: a articulação é tão viva, o *legato* tão perfeitamente observado, a successão melodica tão bem conduzida, que o som torna-se fusivel, aerio, vocal, em summa, como as notas filadas por um habil cantor.»

Planté não tem publicado composição alguma original; mas são muito apreciadas as suas transcripções para piano das grandes obras symphonicas. Notam-se entre ellas as aberturas do «Freyschutz», da «Euryante», do «Oberon», o andante da symphonia em dó, de Mozart, diversos trechos de Mendelssohn, etc.

Todos estes trabalhos são modelos do genero, pela fidelidade com que estão traduzidos no piano os efeitos da orchestra.

ERNESTO VIEIRA.

MUSICA RELIGIOSA

(Continuação)

Decretada a approvação do estylo *alla Palestrina* como fórma canonica da musica religiosa, todos os compositores procuraram imital-o; como a base era o cantochão e ornamento o contraponto, ninguem, por muito tempo, se atreveu a sahir d'este caminho.

Assim, ao passo que a musica dramatica fazia progressos rapidos e se transformava sob a influencia do *estylo recitativo*, a musica de igreja não passava das *fugas e ca-*

nones com que variava a monotonia do canto gregoriano.

Sómente para dar em riqueza o que não possuíam em belleza, os successores da Palestrina procuraram novos efeitos por meio de recursos materiaes. Foi para esse fim que Viadana (ultimos annos do seculo XVI e primeira metade do seculo XVII) augmentou a importancia do acompanhamento empregando o *baixo continuo*; no mesmo intuito Benevoli (meiado do seculo XVII) deu o exemplo de escrever para grande numero de vozes, compondo missas a quatro, seis e até doze côros com quatro vozes cada côro (harmonia a quarenta e oito partes reaes!).

Em todo o caso reputaram-se como fórmas consagradas os floreios do contraponto. Ainda quando o estylo da musica dramatica se introduziu na igreja, por meio de oratorias, motetes e arias *di chiesa*, o estylo polyphonic cedeu uma parte do seu logar, mas não abdicou a sua importancia nem o papel religioso que se lhe attribuiu; e tal é o poder da tradição que até hoje ainda nenhum compositor de fama se atreveu a escrever uma missa que não se julgasse obrigado a intercalar-lhe uma ou duas fugas, como exemplares do pseudo-estylo religioso. Mozart, Beethoven, Rossini, Gounod, Ambroise Thomas, e até Verdi, sacrificaram a sua liberdade artistica a este preconceito, não fallando em Bach, Handel e Cherubini para os quaes a musica polyphonica era elemento principal.

Mas no emtanto, e apesar das determinações canonicas, as arias do theatro passaram definitivamente para a igreja e ahi se fixaram na segunda metade do seculo passado; as missas e outras composições sacras de auctores italianos ou educados na escola italiana, desde essa época, teem sido formadas com arias—não poucas vezes terminando pela competente *cabaletta* exactamente como no theatro—e duettos, tercetos, quartetos, côros e outros trechos de fórma theatral, segundo o estylo italiano.

Exemplos frisantes: o *Stabat Mater* e a *Missa solemne* de Rossini, o *Requiem* de Verdi, algumas missas de Mercandante, Bellini e outros. E, para fallarmos de coisas nossas: a musica de igreja do nosso insigne Marcos Portugal, cuja celebridade europêa permite tomar-se como exemplo; os nossos avós ouviam e admiravam no templo essa musica, assim como a do mesmo estylo composta por Fr. José Marques, Leal Moreira e José Baldi, com tão religioso e entusiastico respeito como se fossem contrapontos de Palestrina ou melodias de S. Gregorio.

D'onde se conclue logicamente que qual-

quer composição musical bem feita pôde exprimir e incutir o sentimento religioso, sem restricções da fôrma em que seja modelada. Prova-o mais a seguinte anecdota contada por Stendhal na «Vida de Rossini».

O insigne auctor do «Barbeiro de Sevilha», estando em Napoles em 1819, foi incumbido de escrever uma missa para certa festividade; desempenhou-se em tres dias d'esse encargo, cerzindo varios côros e arias das operas que anteriormente tinha composto mas que não eram conhecidas em Napoles, e disfarçou esses trechos conforme pôde afim de os ligar entre si e tirar-lhes algum excesso de effeito theatral. Pois de tal maneira e tão bem preparado foi este pastel, que um dos padres dirigiu-se entusiasmado ao auctor, dizendo-lhe: «Rossini, se tu com esta missa fosses bater á porta do Paraiso, S. Pedro não deixaria de t'a franquear, apesar de todos os teus peccados».

Disse muito bem o sincero padre napolitano; o paraiso é a propria arte, seja qual fôr a fôrma de que ella se reveste; para o patentear basta o poder do genio, despido de preconceitos, livre de peias.

Estheticamente, tanto vale uma aria como uma fuga: o mesmo é um arpejo do que uma imitação. Por outras palavras: a esthetica admite todas as fôrmas, comtanto que não contrariem o seu fim: *expressão e belleza*. Esta lei é fundamental e nenhuma outra se lhe pôde oppôr que a prejudique.

Logo: fôrmas preestabelecidas, moldes talhados, padrões legaes, são coisas incongruentes. Na musica religiosa como em outra qualquer manifestação artistica.

As imposições que n'este caso se façam tornam-se offensivas para o livre exercicio da arte, tolhem o seu progresso, atacam a sua independencia.

A arte é uma maneira de sentir; sentir e pensar são duas prerogativas identicas. Ambas teem equal direito á liberdade.

E a liberdade é a luz sublime que illumina o entendimento humano; sem ella não ha idéas; seja na arte, seja na sciencia.

Mas essa liberdade é sujeita ás leis naturaes da razão, que tudo domina.

Portanto, no assumpto sujeito, ha tambem que estabelecer regras particulares, determinar limites, marcar uma orbita dentro da qual se mova livremente o pensamento e fóra da qual a razão encontre só o absurdo, o nada.

Que preceitos particulares estabelece então o raciocinio, n'este caso da musica religiosa?

E' o que vamos averiguar.

(Continúa.) ERNESTO VIEIRA.

GALERIA DOS NOSSOS

D. Sarah Motta Vieira Marques



SYNTHESE admiravel: *Voz, talento e arte.*

Voz extensa e bella; pura, sem o menor veu que lhe empane a limpidez cristallina de uma nota sequer; volumosa, e de elasticidade tal, que lhe permite passar, sem a menor quebra de uniformidade, e em gradação perfeita, do pianissimo mais deli-

cado á sonoridade brilhante e potente de um clarim.

Talento para tudo comprehender; e voz em que, para todo o sentir, ha um accento, uma inflexão: voz que chora e ri, acaricia e repelle, ama e odeia!

Fôgo, temperamento dramatico de tal maneira intenso, que quasi faz pena não a podermos ouvir em mais amplo tablado, para que o enlevo sentido até hoje apenas por limitado grupo de admiradores amigos, podesse ser partilhado pelo numeroso publico: talento e arte para a admiração de todos!

Discipula de Pontecchi e Alberto Sarti, a ambos estes professores abalisados, muitas vezes ouvimos afirmar ser esta senhora tão só discipula e mestra de si mesma.

Sendo sempre, e em tudo, distincta não poucas vezes nos apresenta execuções que são verdadeiros modelos: o que executa só assim cantado, e não de outro modo.

E porque assim canta, e nos entusiasma e prende, foi que, ao passar um dia, estrella fugitiva, pelos elegantes salões de Spá, muitos dos mais entendidos teimaram em a chamar artista; classificação que tão bem lhe quadra, e temos por muito merecida, attenta a elevada maneira como, pela musica—arte divina—esta tão distincta Senhora, dá forma e colorido e vida a todo o pensamento.

Sintamos sincero jubilo, e até o bom e muito legitimo orgulho de possuir para a arte portugueza, quem tanto lustre e honra lhe dá.

J. L. M.

S. Carlos e a musica

Não vae talvez a quadra que corre muito propicia para falar de pessoas ou de cousas d'arte.

Bem entendido que exclusivamente me refiro á terra amada onde tu leitor e eu nascemos, porque só nós tambem continuamos a dar ao mundo o deploravel e desolador spectaculo de um povo que em pouco ou em nada avalia os interesses sagrados do espirito...

Meia duzia de ingenuos ou de utopistas que porventura d'elles se occupam não constituem — mal de nós — regra que preste, nem representam corrente que domine... quando muito symbolisarão uma esperança, especie de sonho que não morre e nem sequer desfallece, mas emfim sonho, atravez do qual alguns crentes eternamente vão olhando o infinito e immaculado Ideal...

*

Ora se isto se póde escrever de toda a arte em geral, pois que nem pintores, nem estatuarios, nem homens de penna ou de lapis, nem poetas de côres e de fórmãs, de palavras e de idéas, logram viver por cá vida desafogada e risonha, nada querendo dizer duas ou tres excepções que os senhores para ahi me citem, pelo que então respeita particularmente á musica, quer-me parecer que não saímos do que eu já em outro lugar chamei a idade da pedra...

E no emtanto não somos nós, como por exemplo o são os inglezes, destituídos de insitas facultades musicas, e estheticamente produzimos já mais de uma deliciosa e immorredoura fórma.

Aqui lhes falei um dia no *Fado* que aliás todos citam, mas além d'elle e das suas inexgotaveis modulações, poderia citar-lhes certas melodias populares tão caracteristicas que quasi pintam a região onde nasceram, e que dando-nos por assim dizer a alma da paizagem sob cuja luz floriram, victoriosamente attestam a existencia de uma verdadeira intuição do mundo dos sons.

*

A nossa raça é pois visceralmente musicóphila, e se ainda hoje não cavámos um largo sulco persistente e fundo n'esse filão do ideal, de modo a deixarmos boa sombra de nós quando de vez formos jazer na necropole da historia, não o attribuem á inopia de força inventiva propria ou á carencia de côr e de feição local, que poderíamos dar a essa ordem de productos de criação psychica, mas ao fatal desarranjo

intellectual e social em que *tudo isto* tem andado quasi sempre e á absoluta ausencia de fortes e solidos estudos em todas aquellas materias que são a pedra angular das sociedades harmonicamente constituídas.

Se temos uma só universidade, e essa tirante honrosas mas pouco numerosas excepções, produzindo em certos ramos caro e mau segundo asseveram auctores, o que, se tal não fosse o caso, nos collocaria abaixo da mais pequena cidade allemã, — pois que como as cousas caminham chega a ser providencial não haver mais, visto ao menos o mal estar assim mais circumscripto — tambem apenas temos um miseravel, e desprotegido Conservatorio unico, e o resto do paiz que passe sem esse luxo, porque verdade, verdade para que diabo servirá aprofundar e espalhar as theorias musicas entre uma nação que tão bem denota saber viver de *cantigas*?

No assumpto parece estarmos já todos doutores de capello e um conservatorio a mais ou a menos não chega mesmo a fazer notar-se...

Eis porque restringindo-me agora a Lisboa, poderemos dizer que para as necessidades d'esta especialidade esthetica, a população se reputa bem servida porque de dia tem o edificio dos Caetanos e á noite — embora só nos tres mezes de inverno — tem o de S. Carlos, chamado por uns theatro e elevado por outros á dignidade de templo...

*

E aqui vim cair finalmente no assumpto que em rigor me inspirou esta linhas.

S. Carlos será o suspirado traço de união que ligará o que deixo dito com o que ainda tenciono dizer a tal respeito.

E' S. Carlos com effeito um theatro ou um templo? ou ainda, como opinam varios, será as duas cousas juntas?

Pela minha parte, leitor amigo, como templo affigura-se-me que elle deixará algo a desejar, o que não quer dizer que como theatro elle absolutamente nos satisfaça. Senão vejamos.

Como templo o que deviamos nós exigir-lhe? O mais intenso respeito pela tradição, o culto severo e sobrio da boa musica, partindo logica e evolutivamente das mais antigas para as mais modernas formulas; a criação emfim de um gosto musical, de uma esthetica publica, de uma escola propria.

E n'esse caso, estreitamente ligado com o Conservatorio de que seria a natural sequencia e o continuador idoneo, elle far-nos-hia ouvir coristas, cantores, maestros portuguezes, a par das producções vindo das epochas classicas, e do periodo romantico,

até ás phases intermediarias que prepararam as escolas modernas; e, n'isto tudo pon-do sempre um escrupuloso amor da arte e da verdade, mostrar-nos-hia então o fio não partido d'essa tradição que todos invocam mas que poucos acatam e quasi nin-guem conhece.

Como theatro, não podendo ser tão com-pleto, procuraria no emtanto estabelecer tambem uma tal ou qual tradição lyrica, esforçar-se-hia por dar aos olhos, tanto co-mo aos ouvidos, bellos e educativos espe-ctaculos, pelo vestuario, pela scenographia, pelo machinismo, pelo rigor historico dos meios; faria emfim das audições das peças que nos tornasse conhecidas um supremo regalo para quantos a ellas concorressem, desde o fastiento ou dinheiroso frequentador das cadeiras e da 1.^a ordem até aos mo-destos e entusiasticos espectadores das torrinhas ou do *gallinheiro*...

Em lugar de ambas estas cousas o que vemos nós? Um simples theatro de explo-ração commercial em que os empresarios as mais das vezes procuram — e com muita razão — extrahir os maiores lucros prova-vois com o menor dispendio possivel.

De arte propriamente dita quem é que se importa acaso?

De formar aqui mesmo um nucleo de mu-sicos, de cantores, de peças que seja sem-pre uma delicia ouvir quem se preocupou a serio?

Quanto ao que então se refere ao lugar que Portugal ahi deveria occupar, não ex-cepionalmente, e por mercê d'este ou d'a-quelle empresario mais amavel, mais arguto ou mais ingenuo, mas obrigatoriamente, festivamente até, em virtude de exigencias do publico e em homenagem aos trabalhadores nacionaes, dignos tambem da sua hora de gloria — julgo mesmo ocioso apontal-o: todos sabem qual elle tem sido em geral.

Não envolve isto censura aos respeitaveis cavalheiros que teem intervindo na coisa lyrica porque não sendo elles em geral ho-mens de arte mas simplesmente homens de negocio, no que pensam é na melhor fór-ma de ganhar, nada tendo que ver com as espirituaes necessidades do publico, dado que o publico haja manifestado essas ne-cessidades, de que tambem será licito du-vidar.

Por isso quando succede este ou aquelle mimosearem o referido publico, com uma novidade lyrica ou com um verdadeiro ace-pipe musical ainda muito teremos de agra-decer-lhes, pois que em rigor elles quasi não são obrigados a tal.

*

N'este ponto de vista o facto de pôr em

scena originaes portuguezes é na verdade um acontecimento que merece registo e até sob certo aspecto — inspira gratidão.

E' claro que não entra aqui para nada o valor intrinseco das concepções musicaes dos maestros, as quaes poderão ter incon-testavel relevo e merecer os applausos in-condicionaes da critica sem que isso adiante um ponto a resolução do problema de as fazer ouvir.

Ora, para obviar de certo modo aos in-convenientes que d'ahi resultam, nada seria mais simples do que elaborar um program-ma para adjudicação do theatro de S. Carlos que mais ou menos respondesse aos desejos dos que sinceramente amam a arte musical e satisfizesse as exigencias que esta actualmen-te impõe.

Tornar obrigatoria e não facultativa a clausula de fazer executar trabalhos origi-naes, incluindo n'esta designação não só as operas propriamente ditas ou dramas lyri-cos, mas odes symphonicas, poemas, inter-mezzos, etc., a que fosse reconhecido valor de factura a par de incontestavel elevação esthetica, eis um dos fins a que tal program-ma deveria visar.

E correlativamente não deveria esquecer o facilitar a execução, no fim de cada epo-cha, ou alternadamente com ella, de uma serie de concertos, dez por exemplo, con-vindo talvez que ao principio até nem tan-tos fossem.

Quanto á organização d'estes, para não escarmentar uma parte do publico que in-sinuando gostar de musica foge no emtanto de tudo quanto não seja opera, seria para desejar que a ella presidisse um delicado e sabio ecclletismo, e um particular conheci-mento do nosso meio e dos elementos que n'elle influem.

Goula provou possuir algo d'essa sciencia, mas Campanini, ainda mais o testemunhou na fórma como elaborou o programma do concerto com que na temporada de 1898-99, se encerrou o theatro.

Quanto a mim o segredo estaria porven-tura em combinar, devidamente doseados, os tres generos classico, symphonico an-tigo e symphonico moderno, e em dar em cada concerto dois ou tres numeros, de canto, sendo um d'elles com a intervenção de massas coraes, que deveriam ser largamente aproveitadas.

Então sim poder-se-hia afirmar que S. Carlos serviria para alguma cousa mais que para exhibição de bellezas, estreia de ves-tidos, e arejamento de casacas, e a musica principiaria a recrutar fóra dos seus since-ros cultores e crentes, mais um ou outro amator dedicado.

Para tal se conseguir até o governo poderia conceder não um subsidio que nenhuma razão de ser tem, mas dois ou tres premios monetarios de valor, que no fim fossem conferidos ao gerente da empresa, aos executantes e aos auctores, quando qualquer d'estas entidades ou todas ellas houvessem merecido essa distincção.

Os que perfunctoriamente olham as cousas, acharão rematada loucura isto de fomentar e desenvolver por todas as fórmulas o gosto musical entre os cidadãos de uma nação; mas os que se dignarem meditar alguns instantes, e sobretudo os que procurarem informar-se *de visu* ou por intermedio dos competentes, ácerca do que na materia se faz lá por fóra, nas terras claras onde a civilisação pompeia, com facilidade concordarão em tudo quanto fica dito e acaso ainda exigirão mais.

N'uma terra que deixou inutilisar a tentativa sympathica e benemerita de Augusto Fuschini que ingenuamente sonhára a organização de concertos subsidiados pelo municipio, n'uma terra assim, onde só em centros mais ou menos intimos a musica se cultiva não como um novo género de *sport*, mas como uma superior necessidade de espirito, como uma satisfação á religiosidade das almas que já outra crença não tenham, apenas alguma cousa se poderá conseguir, utilizando o theatro de S. Carlos, como ponte de passagem para ultteriores e mais arrojados commettimentos.

Crie-se a funcção, que ella fará o órgão. Aqui qualquer d'estes termos pôde ter duplo significado, com calemburgo e tudo.

E já que S. Carlos é santo tanto da devoção da nossa alta roda, e até da que não é alta, levemol-o a fazer mais este milagre de tornar musical quem fóra da *Semiramis* ou do *Trovador* parece não se imporfar muito com o que alguns dos mais altos cerebros que a humanidade tem produzido, um momento vasaram nos moldes sublimes da divina Arte em que Chopin chorou e em que Mozart sorriu...

AFFONSO VARGAS.

CONCERTOS

Encerrou-se, emfim, a época dos concertos. Não se pôde dizer que tivesse sido pouco animada; ao contrario: nunca em Lisboa houve tão grande e variado numero de audições, e também estas nunca foram tão concorridas e fecundas de boa musica. Se algumas vezes entre o trigo appareceu algum joio, este só timidamente se mostrou

e não poude medrar. A *Arte Musical* ceifou n'elle quando o encontrou a talho de foice, porque assim julgou do seu dever, embora de cumpril-o lhe resultasse qualquer sacrificio.

E diga-se em honra dos amadores: deram estes um bello contingente para a animação musical que se notou este anno; quanto a artistas, salvo as honrosas excepções conhecidas, é o que todos sabem. Isto não é fazer recriminações; pelo amor de Deus não nos excomunguem mais uma vez. A nossa intenção é deixar consignada uma nota historica, e não temos culpa que ella seja desagradavel para alguns.

O cyclo foi fechado por fórmula brilhante e variada em casa do ex.^{mo} sr. Antonio Ferreira Marques. Sua ex.^{ma} esposa, a tão apreciavel cantora D. Sarah Ferreira Marques, encantou o auditorio com trechos de Paisiello, Pergolesi, Rossini, Rubinstein, Saint-Saens, apresentando assim specimens de differentes épocas e oppostos estylos: Savinet, José Carneiro, Julio Magalhães, dr. Ferreira Cardoso (o primoroso flautista), os professores Collaço e Bahia, todos contribuíram para que variedade e abundancia constituíssem a nota característica do programma. Em todo o caso, excellente musica, optimamente interpretada e entusiasticamente applaudida.

E agora até ao inverno, que a calma do estio convida-nos a sahirnos das salas e chama-nos para o campo.

COLYSEU DOS RECREIOS

Favorita, Sonnambula, Rigoletto, Cavalleria rusticana, O capitão Fracassa, Il babbeo e l'intrigante, El duo de la Africana, constituíram os espectaculos novos durante os ultimos quinze dias; os outros foram preenchidos com a repetição das operas, que são decididamente os espectaculos que maior concorrência teem attraído ao colyseu.

Debutaram dois artistas novos: a sr.^a Aida Saroglia Gonzaga, no *Rigoletto* e o tenor Pietro Morera na *Favorita*. A sr.^a Saroglia é um soprano ligeiro com voz muito agradável, bem timbrada, justa na afinação, correcta no dizer e que vocalisa bem. Ouve-se com muito prazer e tanto no *Rigoletto* como na *Sonnambula* tem sido calorosamente applaudida.

O tenor Pietro Morera agradou logo na *romanza* do 1.^o acto da *Favorita: una vergine, un angel di Dio*, em que foi applaudido e cantou o *Spirito gentil* de modo a ser

pedida a repetição d'elle. No *Rigoletto* não foi tão feliz, porque a sua voz, agradável no timbre, mas de emissão difficil nas notas agudas, não se presta bem para poder cantar todas as operas com o mesmo applauso.

A *Cavalleria rusticana*, cantada hontem na festa artistica do director da companhia Emilio Giovannini, é a novidade recente. Atraiu ao colyseu uma grande enchente e teve um desempenho mais do que regular. O intermezzo agradou muito e foi bisado.

Na segunda parte do espectáculo cantou a sr.^a Wermez a valsa de *Vençano*; a sr.^a Saroglia a valsa *Parla*, de Arditi e o sr. D. Francisco de Sousa Coutinho o prologo dos *Palhaços*.

Todos foram muito applaudidos.

Com este esboço, em que damos uma resumida idéa do que se tem passado no colyseu, deve deprehender-se que a companhia italiana tem continuado a agradar e que, se as operas não teem um desempenho que satisfaça plenamente as exigencias dos *dilettanti* de theatros lyricos de primeira ordem, possui ainda assim artistas dignos de incondicional applauso e que se ouvem com prazer. E' uma companhia a que póde ser dada sem favor a classificação de boa, trabalhando n'um colyseu onde os preços são muito inferiores aos de qualquer theatro lyrico.

Lisboa, 28 de junho.

ESTEVES LISBOA (*Aristes*).



Do Paiz

No dia 23 teve logar a inauguração do órgão da igreja de S. Nicolau, cuja restauração feita pelos habéis constructores Machado e Duarte Silva noticiamos n'um dos numeros antecedentes.

O resultado foi esplendido; possui agora aquelle instrumento, aliás de proporções modestas e occupando pequeno espaço, numerosos recursos de registos para poderem produzir os mais variados effeitos. Os flautados são harmoniosos e com sufficiente sonoridade, a palheteria é brilhante, sem aspereza. Quando funciona o cheio completo produz um effeito imponentissimo e magestoso, parecendo impossivel que um instrumento relativamente tão pequeno produza tal quantidade de som. Se a extremidade grave do registro de 24 tivesse tubos

mais potentes, de fórma que sobressaissem quando teem de sustentar todo o peso dos registos superiores, este órgão seria perfeito em todo o sentido e poderia competir com os estrangeiros modernos que existem em Lisboa.

Do Estrangeiro

Na sessão com que a Academia de Bellas Artes em Madrid celebrou o centenario de Velasquez, realisou-se um concerto historico de composições musicas feitas na época em que viveu o grande pintor; entre essas composições figurou um «Bailette» a solo, a duas e a quatro vozes, obra do compositor portuguez frei Manuel Correia, que no meiado do seculo XVII foi mestre das capellas de Siguenza e de La Seo de Zaragoza.

*

Programma dos espectaculos em Bayreuth: 22 de julho e 14 de agosto, «Oiro do Rheno»; 23 de julho e 15 de agosto, «Valkyria»; 24 de julho e 16 de agosto, «Siegfried»; 25 de julho e 17 de agosto, «Crepusculo dos Deuses»; 28 de julho, 1, 4, 12 e 19 de agosto, «Mestres cantores»; 29 e 31 de julho, 5, 7, 11 e 20 de agosto, «Parsifal». Os chefes d'orchestra são: Franz Fischer (de Munich), Hans Richter (de Vienna) e Siegfried Wagner (de Bayreuth). Felix Mottl, que devia tambem dirigir alguns espectaculos, não o póde fazer por ter adoecido gravemente.

*

Saint-Saens fol extraordinariamente festejado no Rio de Janeiro. Apresentou ali uma nova composição para orchestra, que intitidou «Suite bresilienne».

*

Strauss legou toda a sua fortuna, que se calcula em 900:000 francos, á «Sociedade dos amigos de musica» de Vienna, tendo assegurado á sua viuva, duas irmãs e uma enteada, rendimentos suffcientes para viverem com desafogo. A mesma sociedade ficou legataria de todos os manuscriptos do compositor, entre os quaes não só se encontram os originaes de todas as suas obras, algumas d'ellas ineditas, mas tambem autographos curiosos de muitos compositores e litteratos notaveis.

*

No dia 18 celebrou-se em Saint-Germain-du-Val, onde nasceu Léo Delibes, o anniversario d'este notavel compositor, inaugurando-se por essa occasião dois monumentos á sua memoria: um na praça da villa

em frente da igreja, e outro no passeio publico sobre a margem do Loire. N'este, que é o mais notavel, o busto de Delibes assente sobre uma columna tem a seus pés a figura de Lakmé, representando a cantora Van Zandt que foi quem primeiro cantou a protagonista d'esta bella opera.

A' inauguração presidiu o director da Academia de Bellas Artes, acompanhado de uma commissão de membros do Instituto de França, entre os quaes se contavam Dubois, Massenet, Lefebvre e outros musicos importantes. Na recita de gala que se realisou n'esse dia, representou-se a opera «Le Roi l'a dit» e o segundo acto do bailado «Coppélia», duas das melhores obras do malogrado compositor.

*

Realisou-se ultimamente em Cassel, na presença de toda a corte, o primeiro dos torneios orpheonicos que o imperador Guilherme II instituiu e que devem realisar-se de quatro em quatro annos. O primeiro premio consiste n'uma joia artistica presa por uma cadeia de ouro, que a sociedade vencedora deve conservar até ser vencida por outra; se porém alcançar tres victorias successivas adquirirá a sua posse perpetua. Perto de 3:000 cantores tomaram parte no primeiro torneio sendo vencedor o orpheon de Colonia, cujo director foi chamado á presença da imperatriz, que lhe lançou ao pesço o honroso premio.

*

O theatro da Opera de Paris realisou no principio d'este mez a 300.^a representação do «Hamlet».

*

Por noticias directamente recebidas de Londres, onde o movimento musical tem sido tão importante n'este *fin de saison* que só em uma das ultimas semanas se effectuaram nada menos de 57 concertos, sabemos que o eminente violinista Ysaye tem sido em tres memoraveis concertos alvo de manifestações do mais estrondoso entusiasmo por parte do publico londrino.

Entre outros trechos executou o *Preludio e fuga* em sol menor de Bach, a *Sonata* em lá maior de Cesar Franck, a de Beethoven em sol maior, um *Concerto* de Lalo, *Poème* de Chausson, a *Fantasia escoceza* de Max Bruck, etc.

*

A secção dos instrumentos musicos na futura exposição universal, tem já inscriptos por parte da França: fabricantes de pianos e harpas, 32; de instrumentos de

cordas, 16; de instrumentos de metal e de madeira, 25; de grandes orgãos, 3; de harmoniums, 9; de machinas e accessorios para pianos, 27; diversos, 14.

*

«Memoria del Conservatorio de Musica de Buenos-Ayres, 1898».—Este estabelecimento, dirigido por Alberto Williams, discipulo do Conservatorio de Paris, publicou o seu annuario relativo a 1898. Contém esse opusculo os programmas dos numerosos concertos de alumnos realisados durante o anno, o discurso pronunciado pelo director na festa da distribuição dos premios e diversas noticias do estabelecimento, que é frequentado por algumas centenas de alumnos, dirigidos por cerca de sessenta professores.

Necrologia

Morreu desastradamente, em consequencia de uma queda de bicycletta, o compositor francez Ernest Chausson, que era uma das mais brilhantes esperanças da moderna escola. Discipulo de Massenet e de Cesar Franck, tinha já apresentado nos concertos de Lamoureux e de Colonne diversas composições symphonicas muito notaveis e que muito tinham agradado. Entre ellas, um «Concerto» para violino, piano e instrumentos de cordas, que Ysaye tem executado diversas vezes, um quartetto e um poema symphonico *Soir de fête*. Tinha concluido uma opera, *Le roi Arthus*, que esperava brevemente ver em scena no theatro de Carlsruhe.

EXPEDIENTE

Terminando hoje o 1.^o semestre de publicação da «Arte Musical», pedimos aos nossos estimaveis assignantes queiram mandar renovar as suas assignaturas, para que a revista lhes seja pontualmente remettida como até hoje tem sido.

A Direcção

ANNUNCIOS DE UMA LINHA

Exclusivamente reservados aos assignantes e publicados gratuitamente

PROFESSORES RECOMMENDADOS, ETC.

Não se acceitam annuncios que não tenham relação com a arte musical

- ADELIA HEINZ**, professora de piano, Rua Garrett, 80, 2.º, Collegio PROGRESSO
ALBERTO LIMA, professor de guitarra, R. do Carrião, 34, 2.º
ALBERTO SARTI, professor de canto, T. de S. Manete, 8, 2.º-E.
Alexandre Oliveira, professor de bandolim, Rua da Fé, 48, 2.º
ALEXANDRE REY COLAÇO, professor de piano, R. N. de S. Francisco de Paula, 48
Alexandrina Castagnoli, professora de canto, R. dos Sapateiros, 30, 3.º
ALFREDO MANTUA, professor de bandolim, C. do Forno do Tyolo, 32, 4.º
Carlos Botelho, professor de piano, Avenida da Liberdade, 19, 5.º, D.
CARLOS GONÇALVES, professor de piano, R. da Imprensa Nacional, 77, 3.º
CARLOS SAMPAIO, professor de bandolim. Rua d'Alfaluç, 5, 3.º
Elvira Rebello, prof. de musica e piano, Collegio MOZART, Angra (Açores).
Ernestina Pinto Basto, prof. de piano, pintura, francez e inglez, R. Ilha Terceira, 26, r. c.
ERNESTO VIEIRA, Rua do Carrião, 22, 3.º
Estephania Barradas, prof. de piano e musica, T. do Fala Só, 14.
JOSÉ HENRIQUES DOS SANTOS, professor de violoncello, R. de S. João da Matta, 61, 2.º
JOSÉ VICENTE PEREIRA, professor de musica, Rua do Norte, 145, 1.º
Julio Camara, professor de bandolim, Rua de Santo Antão, 97, 2.º
MANUEL GOMES, prof. de bandolim e guitarra, R. das Arafonas, 31, 3.º
MARCOS GARIN, prof. de piano, R. de S. Marçal, 104, 1.º-D.
Marguerite Chabry, professeur de chant, R. de S. Domingos, á Lapa, 60
MARIA MARGARIDA FRANCO, professora de piano, Rua Luz Soriano, 13, 1.º
OCTAVIA HANSCH, professora de piano, L. de S. Domingos, 17, 2.º
Odoardo Nicolai, professor de violino, informa-se na casa LAMBERTINI
Philomena Rocha, professora de piano, Rua de S. Paulo, 29, 4.º
RODRIGO DA FONSECA, prof. de piano e harpa, R. da Procissão, 142, 1.º
VICTOR HUSSLA, professor de violino, R. Victorino Damasio, 26, 3.º
VICTORIA MIRÉS, professora de canto, P. de D. Pedro, 74, 3.º-D.

Francisco Bahia, prof. de piano — R. da Procissão, 109, 1.º

Maria da Piedade Reis Farto, prof. de piano e violino, R. da Boa Vista, 180, 1.º